

MESCLAGEM CONCEITUAL: uma explicação possível dos bastidores da produção de textos

Maurício da Silva (UFF)

Todo texto é um pré-, um inter-, um pós-texto.

Todo texto é um hiper-, sub-, para-texto.

Todo texto é um MESCLA-texto.

*A única coisa que um texto não é
É um texto.*

Introdução

A idéia de 'tornar-se mais consciente' refere-se a processos correntes e ocorrentes numa vasta gama de disciplinas, sobretudo naquelas que trabalham com questões ligadas à mente humana. 'Tornar-se mais consciente' pode significar, dentre outras coisas, passar a ter *conhecimento* de aspectos relacionados a pensamentos, atitudes, ações que extrapolam a sua aparência. Algo semelhante a constatar que as coisas não são o que aparentam ser, algo que carrega o traço da revelação, da descoberta e da possibilidade.

No meio dessa gama de estudos que, de alguma forma, tem a mente como seu objeto de exame está uma disciplina que, apesar de ainda recente, pode descortinar alguns processos que explicam aspectos dos bastidores da produção dos textos: a **Linguística Cognitiva**.

Devido à recentidade dessa área da ciência, alguns de seus postulados teóricos ainda estão muito pouco divulgados aqui no Brasil. É por conta dessa ainda pouca divulgação que procuraremos encaminhar nossas reflexões sobre alguns conceitos da **Linguística Cognitiva** de forma o mais didática possível. Para a consecução desse nosso objetivo didático, tomaremos algumas providências:

a) selecionaremos alguns conceitos fundamentais dessa Linguística apresentados no livro *"The way we think: Conceptual Blending and the Mind's Hidden Complexities"* de Fauconnier e Turner (2002) e buscaremos exemplificar o que queremos dizer com fenômenos, eventos, casos concretos do cotidiano;

b) reiteraremos propositalmente definições de mesmos conceitos;

c) optaremos por uma fábula, texto de pequena extensão e geralmente de linguagem informal e metafórico-alegórica para mostrar como determinados conceitos da **Linguística Cognitiva** podem servir de base para uma possível explicação dos bastidores da produção de textos em geral, mormente aqueles em que analogias e metáforas lhes são constitutivas.

Mesclagem Conceptual

Tal como postulada por Fauconnier e Turner(2002) no livro citado acima¹, a **Linguística Cognitiva** tem como um de seus postulados teóricos

¹ De agora em diante designaremos o Livro "THE WAY WE THINK" por *TWWT*.

mais importantes a noção de **Mesclagem Conceptual**. Segundo eles, essa aptidão foi de suma importância para mudar a vida do homem na terra. Por volta de cinquenta mil anos atrás, na era Paleolítica, o ser humano conseguiu desenvolver uma habilidade sem precedentes para inovar: uma espécie de capacidade de imaginar identidades entre conceitos e integrá-los para criar e formar **novos** modelos de pensamento e ação. Essa capacidade de imaginar identidades entre conceitos e integrá-los para formar novos modelos de pensamento e ação alçou o homem, segundo Fauconnier e Turner, a um patamar de superioridade na escala animal. A esse processo de estabelecimento de identidades entre conceitos para formar algo novo, eles deram o nome de **Mesclagem Conceptual (Conceptual Blending)**.

Antes de prosseguirmos na conceituação, julgamos importante fazer menção a um item que Fauconnier e Turner reservam para falar no **TWWT** dos três I's da mente: IDENTIDADE, INTEGRAÇÃO, IMAGINAÇÃO (**THE MIND'S THREE I'S- IDENTITY, INTEGRATION, IMAGINATION**). São Imaginação, Identidade, Integração, operações humanas universais, que tornam o homem capaz de realizar a **Mesclagem Conceptual**. Apesar de inextricáveis, poder-se-ia dizer, como já mencionamos acima, que o homem através de sua Imaginação consegue perceber Identidade de pontos, idéias, conceitos entre as mais variadas áreas da existência humana e a partir dessa identidade é capaz de **mesclar, integrar** conceitos que aparentemente não têm nada a ver um com o outro. Da Integração nasce um novo conceito com características dos seus anteriores, mas com particularidades só suas. Uma curiosidade interpretativa sobre esse item do **TWWT** é que alguns estudiosos de **Linguística Cognitiva**, ao estudarem o item, observaram uma identidade entre a pronúncia do nome da letra I e da palavra eye (olho) em Inglês. Assim, no capítulo em que se fala dos três I's da mente (**THE MIND'S THREE I'S – IDENTITY, INTEGRATION, IMAGINATION**), esses estudiosos se permitiram pensar na possibilidade de a identidade, integração e imaginação serem os três olhos (eyes) da mente. A outros o que chamou a atenção foi a coincidência de as palavras Identity, Integration, Imagination serem grafadas com I em grande número de línguas. Isso parece dar um aspecto de universalidade às operações da mente humana. Talvez tenha havido uma espécie de conspiração linguística por parte do universo na hora de construir essas palavras que designam as operações mentais humanas fundamentais. E isso tem tudo a ver com a proposta explicativo-científica da teoria. No momento da tradução das idéias para outras línguas, a força expressiva que os autores conseguiram obter através do título "The mind three I's – /identity, /integration, /imagination" poderá ser garantida sem que haja prejuízo da identidade "ídica"² dessa tríade cabalística. Parece que as línguas não abriram mão do processo de **analogia** para se mostrarem paralelas em relação à Identidade, Integração e Imaginação. Pode ter havido uma espécie de Integração e Identidade transidiomática, com a qual a Imaginação humana quis compactuar. Se observarmos, tanto numa quanto na outra interpretação, houve um jogo de Imaginação, Identidade e Integração. Aliás, veremos que o fenômeno da interpretação está impregnado dos três olhos ou I's da mente humana. Quase sempre interpretar é um ato de **Mesclagem** propiciado por nossa imaginação que sai em busca de identidades entre o que escutamos ou lemos com algo que

² A palavra "ídica" aqui pretende significar "relativo à letra I".

conhecemos para depois de estabelecidas tais identidades as integrarmos num todo coerente para nós, sujeitos interpretantes. É nesse momento que se pode ver como fatores extralingüísticos como conhecimento de mundo, enciclopédico dos interpretantes serão importantes para a instauração do processo de **Mesclagem**. Inclusive como, a interpretação é um ato criativo subjetivo da imaginação humana o seu caráter polissêmico é indiscutível: o sentido dependerá da **Mesclagem** realizada.

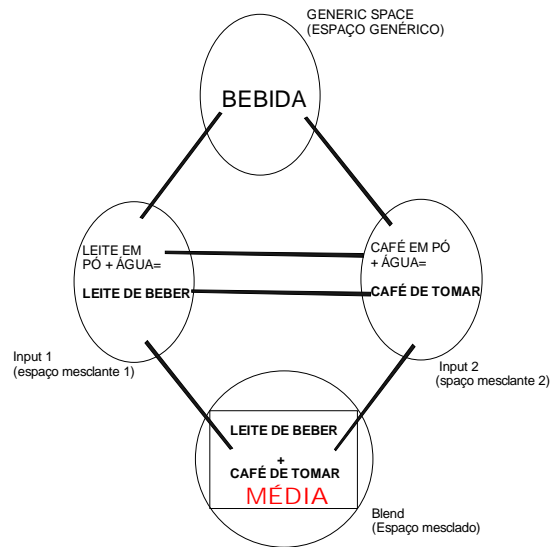
O que é importante perceber na **Mesclagem Conceptual** é que dela emerge o que Fauconnier e Turner chamam de **espaço mesclado (Blending)**. O **espaço mesclado** seria o resultado da mescla de dois ou mais espaços entre os quais a mente humana é capaz de imaginar identidades e formar um terceiro através da integração dessas identidades. Assim o **espaço mesclado** carrega em si traços dos espaços anteriores, mas cria a partir dessa mescla algo novo que emerge, aparece, manifesta-se nesse novo espaço, no espaço integrado ou mesclado. Ao que de peculiar e novo **emerge** no espaço mesclado, Fauconnier e Turner chamam de **estrutura emergente**. **Emergente** porque dele surge.

Uma forma esquemática de representar a Mesclagem

Fauconnier e Turner recorrem a formas esquemáticas no **TWWT** para representar esse processo de imaginação e integração de identidades na **Mesclagem Conceitual**. Dentre essas representações esquemáticas, está o que ele chama de **Rede Mínima (Minimal Network)**. A **Rede Mínima** é representada por **quatro** círculos distribuídos hierarquicamente. No de cima estaria o que Fauconnier e Turner chamam de **Espaço Genérico (Generic Space)**. O **espaço genérico** conteria uma espécie de categoria geral capaz de abarcar as características compartilhadas pelos dois espaços intermediários entre os quais a mente humana imaginou identidades possíveis. A esses espaços intermediários Fauconnier e Turner dão o nome de **Input 1** e **Input 2**. A fim de evitar a palavra inglesa, venho nomeando em meus estudos de **Lingüística Cognitiva** o espaço Input1 de **Espaço Mesclante 1**, e o Espaço Input 2 de **Espaço Mesclante 2**. Para finalizar a **Rede Mínima**, coloca-se um círculo abaixo dos espaços mesclantes 1 e 2. Esse círculo, que representa o espaço resultante, é o que Fauconnier e Turner chamam de **Blend (Espaço Mesclado)**. Para mostrar as identidades imaginadas entre os espaços mesclantes intermediários, usam-se linhas de ligação relacionando os conceitos dos dois espaços que serão integrados. Linhas também são usadas para assinalar, no espaço mesclado, o que foi herdado dos espaços mesclantes e o que dele emerge como novo e peculiar. Essa nova realidade mesclada constituída das heranças dos espaços mesclantes e da estrutura nova emergente será marcada por um quadrado dentro do círculo representante da mescla.

Abaixo, vamos exemplificar com um **esquema de Rede Mínima** o que tentamos descrever com palavras. Para sermos didáticos, como já dissemos, num primeiro momento, ilustraremos esse processo com um exemplo de **Mesclagem** retirado do dia-a-dia: o nascimento da **média**. Para variarmos o tom de nosso texto, ao descrevermos o processo de mesclagem esquematizado, nos utilizaremos de um texto em forma de poema. Entendemos que mesclar tipologias textuais num trabalho que fale sobre a **Lingüística Cognitiva** de Fauconnier e Turner tem tudo a ver.

MINIMAL NETWORK 1 (REDE MÍNIMA 1)



O poema

Bebida é água, água é mistura,
Leite em pó com água mistura
E faz leite de beber
Pó de café com água mistura
E faz café de tomar
Leite de beber com café de tomar
NÃO MISTURA, MESCLA.
Vemos no café com leite
que ali tem café
que ali tem leite
mas ele é outra coisa agora
nasceu o terceiro: o café com leite
que por ser **MESCLADO** é de **MÉDIA** chamado.

Na verdade a opção por começar a ilustrar o processo de **Mesclagem Conceptual** através de um exemplo tão cotidiano e matinal, a **média** nossa de cada dia, teve duas razões: a primeira já várias vezes mencionada acima, didática. A segunda para mostrar que essa operação tem uma rentabilidade explicativa muito maior do que só relativamente a questões conceituais lingüísticas. Há produtos hoje fruto de mesclagens e integrações nas mais variadas áreas da vida e das disciplinas. No entanto, não podemos perder de vista que o aspecto cognitivo em que Fauconnier e Turner se focam está, sem dúvida, relacionado com o lingüístico, afinal a disciplina por eles fundada se chama **Lingüística Cognitiva**. Por isso não há como não tocar nas propriedades que as formas lingüísticas - palavras e frases - têm nesse arcabouço.

A forma lingüística como *guia* do sentido

Entendemos que se localize aqui, um primeiro diferenciado pleito teórico da Lingüística Cognitiva. Na expressão do próprio Fauconnier (1994: xxii) "*a linguagem não porta sentido, mas o guia*". É dessa maneira de encarar a linguagem que descende um dos princípios teóricos da Lingüística Cognitiva: *a escassez da forma lingüística*.

Como o objetivo desse trabalho é o de apresentar ao público alguns dos princípios da Lingüística Cognitiva, antes de procedermos à aplicação do processo de mesclagem conceitual como possibilidade de explicação de fatores de bastidor da produção das fábulas, achamos por bem nos determos mais nesse pleito teórico da Lingüística Cognitiva, isto é, falar um pouco mais sobre o que pode querer significar considerar a *forma lingüística não como portadora de sentido, mas como guia*.

Entendemos que tudo começa no próprio nome da disciplina **Lingüística Cognitiva**. A novidade do sintagma que nomeia a disciplina está no adjetivo **Cognitiva**. A **Lingüística Cognitiva** é lingüística porque, é certo, está ligada ao aspectos privativos da linguagem (palavras, frases). Mas é o termo **Cognitiva** que mostra o seu campo específico de preocupação e análise: **as construções mentais, os espaços mentais, as significações em territórios mentais. A sua preocupação central é a mente, a cognição**.

Mas e as formas lingüísticas aonde entram? Elas têm um papel importante. Mas, nesse arcabouço, não podemos atribuir a elas o "status" que o pai da Lingüística Geral, Saussure, lhes atribuiu.³

Para Saussure, as formas lingüísticas são as portadoras de significado. É aquela clássica formação: forma lingüística = **significante+significado**. Para Saussure o significado está na forma lingüística.

Já para os lingüistas cognitivistas, que são acima de tudo **cognitivistas**, as formas lingüísticas são guias para a construção de significações em espaços que se localizam dentro da mente. Elas *levam a, desencadeiam, guiam, acionam* as significações que estão na mente. Isto é, para os lingüistas cognitivistas, que são acima de tudo **cognitivistas**, os significados estão na mente, não nas formas lingüísticas.

Portar, ser portador significa carregar consigo, Guiar, ser guia significa levar a, encaminhar, conduzir, introduzir.

Para a lingüística pura e, porque pura geral, as formas lingüísticas são objetos, signos portadores de significados. Elas são o sol de onde provém a luz. Seria, grosso modo, algo mais ou menos assim: a palavra teria um significado que precisa ser decifrado pela mente para que haja comunicação.

Para a **Lingüística Cognitiva**, as formas lingüísticas são instrumentos ativadores construtores de significados que estão dentro da mente, nos territórios mentais. Seria, grosso modo, algo mais ou menos assim: não é a palavra que contém o significado, a significação está contida em territórios dentro da mente que as palavras vão acionar ou não. Isso vai depender muito, entre outras coisas, do conhecimento de mundo de cada

³ Poderíamos fazer um contraponto com outras Lingüísticas, escolhemos falar da Lingüística Geral de Saussure por estarmos convencidos de que é ela a representante basilar das doutrinas postas pelo **objetivismo** que postulam ser a forma lingüística **portadora** de significados sujeitos a verificação no "mundo real".

um. Para os lingüistas cognitivistas, que são acima de tudo **cognitivistas**, a significação está na mente não na palavra. Para a lingüística cognitiva a portadora de significado não é a palavra é a mente.

Essa parece ser uma pequena diferença, mas é ela que cria uma nova perspectiva de tratamento das questões ligadas à explicação da capacidade humana de significar. Não é no que é dito (nas formas lingüísticas) que estará o que se quer significar, mas nos territórios mentais que esse dito faz emergir. Para os lingüistas cognitivistas as significações mudaram de moradia. A nova morada das significações é a mente. Para os lingüistas puros, e , porque puros gerais, até por serem puros e gerais, a moradia das significações é a palavra. Para os Lingüistas gerais a forma lingüística é plena, para os lingüistas cognitivistas a forma lingüística é escassa, no sentido, de não ser portadora, mas de ser guia.

Espaços Mentais

É nessa conjuntura de mudança de papel das formas lingüísticas que aparece um conceito específico da Lingüística Cognitiva no **TWWT** de Fauconnier e Turner instituído pela própria preocupação central dos cognitivistas com a mente humana: **os espaços mentais**.

Esse conceito é chave na perspectiva desses autores, por isso julgamos importante nos deter nele por algumas linhas.

Espaço Mental. Creio que a primeira providência para se entender o que isso quer dizer na **Lingüística Cognitiva** de Fauconnier e Turner, é estabelecer o conceito de espaço. Aqui espaço **não significa** extensão indefinida. Ao contrário é território delimitado, circunscrito. Vamos imaginar que a mente seja um vastíssimo terreno cheio de lotes delimitados. Cada espaço mental equivaleria a um lote do terreno. Então o que precisamos ter em mente é que os espaços mentais a que Fauconnier e Turner se referem são partitivos. Se essa noção estivesse ligada ao mundo físico seria muito mais fácil de entender, mas o que pode fazer com que ela pareça complicada é que o vasto terreno loteado é a nossa mente, que, mesmo tendo já sido estudada, ainda nos parece muito secreta. Fiquemos, então, com a primeira idéia: um **espaço mental** equivaleria a um lote do infinito terreno que é mente humana.

Uma outra característica dessa noção em Lingüística Cognitiva é que esses espaços mentais são formados momentaneamente para fins de uso localizado. São fugazes. A metáfora que tem sido usada para caracterizá-los é a da **bolha de sabão**. Formam-se no momento em que se está falando ou pensando.

Outro aspecto importante desses lotes da mente é que eles são constituídos de dados e informações que vão sendo adquiridos ao longo da vida. Na hora do uso para falar, ler, escrever e pensar, eles se formam e vão, de certa forma, encaminhando o nosso dizer, ler, escrever e pensar. Conforme vão aparecendo novos assuntos ou novas nuances dos assuntos, eles vão se criando e se desfazendo como bolhas de sabão sempre ao sabor da necessidade de uso do momento.

É importante também observar que, como esses partitivos, fugazes e informados espaços mentais estão a serviço do uso imediato de alguma atividade que envolve a linguagem, ao meu ver, eles têm como finalidade principal autorizar e garantir a coerência do que se pensa e do que se diz.

Partitivos, fugazes, informados e finalistas. Mas agora cabe a pergunta: o que guia, desencadeia, introduz, faz com que se construam esses **espaços mentais**? As formas lingüísticas, as palavras, as frases, os textos. Que por isso são chamados na Lingüística Cognitiva de Fauconnier e Turner de **construtores de espaços mentais (space builders)**. Esse é o lugar da linguagem (língua) na Lingüística Cognitiva de Fauconnier e Turner: construir, introduzir os espaços mentais.

Construtores de espaços mentais (space builders)

Antes de mais nada , é importante observar que as formas lingüísticas constroem **espaços mentais discursivos**. Os espaços mentais são construídos através das formas lingüísticas, por isso eles são **espaços mentais discursivos**. São formados para servir a algum propósito em que a linguagem (discurso) esteja envolvida, como por exemplo: falar, pensar, escrever, ler.

Um grande espaço mental discursivo que é função das formas lingüísticas construir é o espaço da realidade circundante. Esse espaço, será introduzido por uma ocorrência muito grande de formas dêiticas pronominais (**eu, você, ali, aqui, lá, agora, isto, aquilo, verbos em geral, é lógico, porque realidade circundante é cheia de ação**). Não se faz prementemente necessário o uso constante de substantivos, adjetivos, quando o objetivo daqueles que estão conversando é trazer as referências para o aqui e o agora. Os objetos que compõem o cenário circundante já suprem essa necessidade de nomeação. Esse espaço é recorrentemente construído na fala. Mostrar um objeto de que se está falando e referenciá-lo através de uma expressão do tipo "**isto aqui**" leva os participantes da conversa a criarem espaços mentais em que eventos, informações e dados sobre o que se está conversando sejam construídos. Nesse tipo de situação discursiva as formas lingüísticas referenciam os objetos, pessoas no espaço da situação comunicativa real. Acredito ser esse o espaço mental básico do qual todos os outros derivam. O espaço mental gerado a partir da realidade circundante é o espaço de referência por excelência.

No entanto, se, no momento em que se está falando, escrevendo ou mesmo pensando, a conversa não tanger o espaço mental construído pelas formas lingüísticas referentes ao aqui e ao agora, novos espaços terão de ser construídos por outras formas lingüísticas. Por exemplo, se na hora da conversa os participantes quiserem se reportar a um momento no tempo passado para situar algum fato, fatalmente eles usarão advérbios de tempo do tipo **ontem, há duas semanas atrás, no ano tal, no século passado**, para construir espaços capazes de mostrar que os eventos relacionados não concernem à realidade circundante imediata.

Se, por exemplo, no espaço do aqui e agora, o que se falar ou pensar não tanger aos objetos presentes na situação circundante imediata de comunicação, mas sim a algo que aconteceu no capítulo do dia anterior da novela das oito, os participantes terão que referenciar esse espaço mental com expressões do tipo: **Ontem na novela , o fulano matou o cicrano etc**. Se ele não tomar essa providência de criar esse outro espaço, seu discurso soará incoerente e ilógico por não ter nenhuma relação com o momento em que ele está sendo proferido.

Se, por exemplo, um jornal quer adiantar uma notícia sobre o aumento do salário do funcionalismo público que está para ser assinado, mas que ainda não o foi, ele terá que construir um enunciado em que apareçam formas lingüísticas que criem o espaço mental da **possibilidade**. Se ele não fizer isso, seu discurso será considerado como incoerente e leviano. Formas lingüísticas caracteristicamente criadoras do espaço da possibilidade são:

a)- verbos de **dizer** ("dicendi) O presidente da República **disse** que vai aumentar o salário do funcionalismo público.

b)- palavras do tipo **talvez, pode, provavelmente etc** indicadoras de possibilidade: O salário do funcionalismo público **pode** ser aumentado ainda esse ano.

Espaços mentais da **hipótese** têm como formas lingüísticas básicas para sua construção e referenciação as orações subordinadas condicionais encabeçadas por **Se, caso, a não ser que: Se eu tiver dinheiro**, eu comprarei um barco. Ninguém vai poder exigir no futuro que você apareça com um barco maravilhoso, porque você, através das formas lingüísticas indicadoras da condição, criou o espaço mental da hipótese. A única coisa que o povo pode pensar é que você não está com dinheiro.

Adjuntos adverbiais de lugar também são poderosos construtores de espaço mental. **Na minha casa, No Brasil, No leste fluminense, no lado esquerdo da parte de cima do meu carro...** No lugar X ou Y. Eles têm o poder de reduzir o espectro das afirmações que serão feitas, quanto mais especificados mais restringido o espectro se torna, e isso faz com que o compromisso com as afirmações feitas também se reduza.

Verbos tais como **imaginar, supor, crer, achar, pensar, sentir** vêm sendo chamados de verbos epistêmicos em Lingüística Cognitiva. Sua função fundamental é criar os espaços mentais da **suposição**. Espaço esse que libera locutor e alocutário do compromisso ilimitado com a comprovação factual de suas afirmações. São verbos de cunho impressionístico que dão a quem pensa e fala um bom nível de liberdade discursiva.

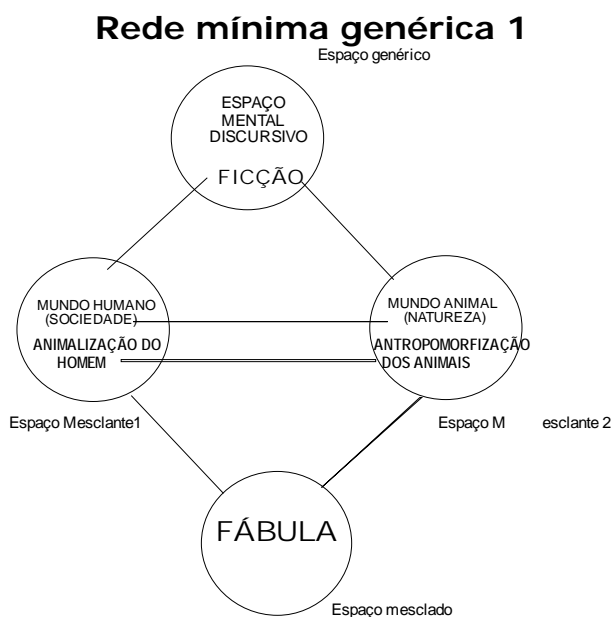
Um espaço mental que nos interessa de perto nesse trabalho é aquele em que as formas lingüísticas nos guiam a construir o território do inesperado, do surpreendente, do impossível, do mágico: o **espaço mental discursivo da ficção**. Espaço da licença. Nele tudo pode acontecer. A coerência não tem nada a ver com a realidade nem circundante imediata nem com a mediata. Ao ser construído, tanto quem fala, pensa, lê ou escreve já se prepara para a aceitação, para o convite à imaginação criativa. Basta uma referenciação lingüística do tipo: **Na fábula, na novela, no filme, no romance...** Para que quem pensa e fala e mesmo ouve se prepare para o inusitado, para não cobrar cronologias exatas, para não esperar lógica nos acontecimentos, para ver animais se misturarem a homens, para serem aceitas criaturas fantásticas, para aceitar mulheres louras serem chamadas de morenas, para crianças terem força descomunal etc.

O importante é observar que a construção de espaços mentais discursivos através das formas lingüísticas se dá para autorizar e garantir a coerência do discurso. Dependendo da referenciação criada pelas formas da

língua, os participantes do discurso se preparam para aceitar ou não o que se vai dizer ou escutar.

Mesclagem Conceptual e produção de fábulas

É a Esopo atribuída a autoria das primeiras fábulas na Grécia. Se observarmos atentamente, cremos ser possível construir uma espécie de “esqueleto” (rede mínima) genérico que subjaz à produção dessas fábulas e até mesmo das fábulas que as sucederam. Abaixo se encontra o diagrama dessa possível rede mínima genérica.



A fábula que será alvo de nossa análise específica é **“A galinha dos ovos de ouro”** na reescrita feita por Millôr Fernandes em seu livro *Fábulas fabulosas* publicado pela nórdica editora em 1966. Ao nosso ver, Millôr reescreveu a fábula de Esopo, por isso tanto a de Esopo quanto a de Millôr serão abaixo transcritas.

“A galinha dos ovos de ouro” Esopo

Um homem tinha uma galinha que punha ovos de ouro. Achando que por dentro ela era só ouro, matou-a, mas não encontrou nada de diferente das outras galinhas. Assim, em vez de descobrir o enorme tesouro que esperava, perdeu até o pequeno lucro que ela lhe dava.

Cuidado com a ambição. Contenta-te com o que já tens.”

“A galinha dos ovos de ouro” **Millôr Fernandes**

Era uma vez um homem que tinha uma Galinha. Subitamente, em dia inesperado, a Galinha pôs um ovo de ouro. Ouro! Outro dia, outro ovo. Outro ovo de ouro! O homem mal podia dormir. Esperava todas as manhãs pelo ovo de ouro – clara, gema, gala, tudo de ouro! – que o tirava da miséria, e aos poucos o ia guindando ao milionarismo. O fato, que antigamente poderia passar despercebido, na data de hoje atraía multidões. E não só multidões. Rádios, jornais, televisão, tudo entrevistava o homem, pedindo-lhe impressões, querendo saber detalhes do como acontecera o espantoso acontecimento. E a Galinha, também, ia dando aqui e ali seus shows diante dos jornais, câmaras, microfones. Certa vez até, num esforço de reportagem, conseguiu pôr um ovo diante da câmara de TV Tupi. Porém o tempo passou e muito antes que o homem conseguisse ficar rico, a Galinha deixou de botar ovos de ouro. Desesperado, o homem foi ocultando o fato, até que certo dia, não se contendo mais, abriu a galinha para apanhar os ovos que ela tivesse lá dentro. Para sua decepção não havia mais nenhum. Então o homem – espírito bem moderno – resolveu explorar o nome que lhe ficara do acontecimento e abriu um enorme restaurante, com o sugestivo nome de Aos Ovos de Ouro. E isso lhe deu mais dinheiro do que a Galinha propriamente dita.

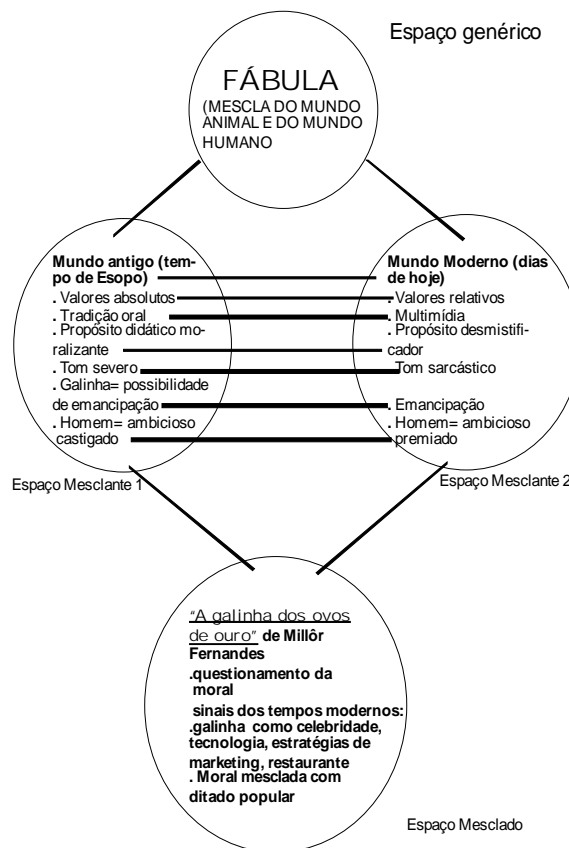
MORAL: CRIA GALINHAS E DEITA-TE NO NINHO.”

Julgamos adequado afirmar que essa reescritura feita por Millôr se constitui de um espaço mesclado em que se fundem dois mundos a que chamaremos de espaço mesclante 1 e espaço mesclante 2 na constituição de nossa rede mínima.

É importante salientar que o que era espaço mesclado na rede genérica acima (aquela que propõe uma estrutura genérica das fábulas em geral) em relação à fábula de Millôr assumirá o posto de espaço genérico, já que **A galinha dos ovos de ouro** é um exemplo específico de uma fábula. Esse giro hierárquico, ao nosso ver, dá uma mobilidade ao diagrama de rede que tem tudo a ver com a noção de momentaneidade e fugacidade dos espaços mentais em **Linguística Cognitiva**.

Como já fizemos anteriormente, vamos propor uma possível representação diagramática de uma possível mesclagem e depois explicá-la verbalmente.

Rede mínima



Na possível rede mínima acima diagramada, o espaço mental discursivo da fábula assume o posto de espaço genérico, já que abarcará todas as fábulas já escritas que têm como característica geral básica a fusão do mundo animal com o mundo humano, através da antropomorfização daquele e da humanização deste. O espaço mesclante 1 é o que designamos como **“Mundo antigo (tempo de Esopo)”** já que é a Esopo, como já dissemos, reputada a autoria das primeiras fábulas. Há explícitas formas lingüísticas no texto de Millôr que referenciam esse tempo. Millôr começa sua fábula pelo construtor de espaço mental ***Era uma vez***. Esse adjunto adverbial de tempo tem a função de mostrar que Millôr vai contar uma história que possivelmente já existia e que essa história é fictícia. O ***Era uma vez*** é um dos construtores de espaço de ficção mais produtivos na língua para construir o espaço da ficção. A referência à existência pregressa da fábula fica ainda mais clara, através do uso do introdutor de espaço mental representado pela expressão sublinhada na seguinte sentença da fábula de Millôr ***“O fato, que antigamente poderia parecer despercebido...”***, ao nosso ver, está clara a menção à fábula de Esopo, mundo discursivo que serviu de inspiração inicial para sua reescritura de ***“A galinha dos ovos de ouro”***. O espaço fabuloso é também referenciado através da expressão ***“Subitamente, em dia inesperado...”***. Essa forma lingüística nos guia a lembrarmos de que, na ficção, não há necessidade do estabelecimento de uma cronologia exata para situar os acontecimentos, tudo ali é mágico e pode acontecer ao sabor do tempo que se quiser criar.

Seria difícil aparecer uma expressão desse tipo num discurso sobre uma descoberta feita através de pesquisa científica, por exemplo.

O mundo moderno, por sua vez (espaço mesclante 2), é construído, referenciado linguisticamente num primeiro momento pela expressão "***na data de hoje atraía verdadeiras multidões***", que na fábula de Millôr funcionará como uma espécie de virada de 180 graus para o questionamento dos valores absolutos e moralizantes. É a partir desse momento que a fábula de Millôr assumirá características próprias não presentes na de Esopo. A partir daí:

1) o tom severo de Esopo terá como correspondente identitário o tom sarcástico de Millôr;

2) o propósito didático moralizante da antiga fábula cederá lugar ao propósito desmistificador;

3) o mundo antigo de Esopo que divulgava suas idéias boca-a-boca terá seu equivalente identitário na fábula do autor brasileiro no mundo da multimídia impressa, radiofônica e televisiva;

4) a Galinha que para o homem da Fábula de Esopo representava apenas a ***oportunidade*** de emancipação, para o homem de "***espírito bem moderno***" (outra forma lingüística adjetiva carregada da idéia de temporalidade) foi ***efetivamente*** a sua emancipação;

5) a modernidade também é referenciada por eventos típicos da sociedade contemporânea: a galinha como celebridade pondo ovo em frente a câmaras, o aproveitamento da morte da galinha como estratégia de "marketing" para a abertura do lucrativo restaurante;

6) a mesclagem que se deu através do estabelecimento de identidade entre o ditado "***cria fama e deita na cama***" e a moral da fábula criada por Millôr "***Cria galinhas e deita-te no ninho.***" Bem típico da sociedade atual em que, em muitos setores, ainda prevalece aquela espécie de "Lei de Gérson" em que se "***gosta de levar vantagem em tudo.***"

Dentre muitas outras que podem ser enxergadas no texto analisado, essas seis características arroladas acima são exemplos do que se chama em Lingüística Cognitiva de **estrutura emergente**. A estrutura emergente é aquilo de **novos** que nasce com o espaço mesclado, é aquilo que emerge no espaço mesclado.

Consideração final

Todo texto é um espaço mesclado. Todo texto é um "mesclatexto".

Enxergar o processo de Mesclagem Conceptual como uma possível explicação para os bastidores da produção dos textos é, dentre outras coisas, superar a tentação de que tudo que se pode entender, encontrar num texto está nele contido. É superar o fascínio exercido pela literalidade sígnica textual. É superar a ainda muito vigente concepção de que texto é

soma linear de vocábulos e frases. É revelar o processo ininterrupto de produção do saber que se dá através da interpenetração do velho com o novo. É reivindicar a função **criativa** da Mesclagem. A interpenetração do velho e do novo gerando o terceiro. O terceiro: espaço mesclado, emergente e criativo.

Bibliografia

ESOPO. *Fábulas*. Tradução de Antônio Carlos Vianna, L&PM POCKET, Porto Alegre, 1997.

FAUCONNIER, Gilles & TURNER, Mark. *The way we think: conceptual Blending and the mind's hidden complexities*. Basic Books, a Member of the Perseus Books Group, New York, 2002.

FERNANDES. Millôr. *Fábulas fabulosas*. Editorial Nódica Ltda, 7ª edição, Rio de Janeiro, 1963.